



Sempre há policiais na Rodoferroviária, mas no estacionamento quem manda são os vigias. Se o dono do carro resiste em pagar, a retaliação chega na forma de um pneu furado, pintura riscada ou antena quebrada

# Vândalos dominam os estacionamentos públicos

Donos de automóveis são obrigados a pagar uma taxa de proteção contra os próprios vigias

POLICARPO JÚNIOR  
Da Editoria de Polícia

Os vigias de carro subdividem entre eles os principais estacionamentos da cidade. Não cobram preços fixos pelo trabalho e garantem que o cliente não tem qualquer obrigação de dar uma gorjeta. No entanto, rejeitar uma "olhadinha" pode custar muito mais caro que os Cz\$ 10,00 geralmente gastos nessas ocasiões. Posto dessa forma, o problema até parece de fácil solução. O que a maioria das pessoas não percebe, porém, é que a gorjeta acaba se transformando numa espécie de taxa de proteção contra os próprios vigias. Algo semelhante, em menor escala, ao que acontece em lugares mais violentos do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde grandes quadrilhas sobrevivem exclusivamente da "proteção" que oferecem aos moradores.

Evidentemente, a dimensão de uma não pode ser comparada à outra. Mas não são raros os casos de pessoas que tiveram a ingrata surpresa de retornar das compras no Conjunto Nacional, por exemplo, e encontrar a pintura de seu automóvel totalmente arranhada. Não adianta muito, nessas situações, perguntar aos vigias se viram alguma coisa ou se têm idéia de quem seria o responsável pelo vandalismo. Logo, o dono do veículo vai se lembrar que, segundos depois de estacionar o carro, rejeitou uma lavagem de forma brusca ou desprezou os serviços de vigilância. Só resta procurar a polícia, o que quase nunca é feito nesses casos.

O jornalista Gustavo Mariani, certa vez, estacionou seu Chevrolet vermelho metálico no estacionamento inferior do Conjunto Nacional. Logo ele foi abordado pelo vigia do setor. "Quer lavar o carro, doutor?" — indagou um rapaz de aparentemente 17 anos. Mariani, sem

dar muita atenção ao desconhecido, balançou a cabeça negativamente, explicando que iria apenas comprar umas roupas e retornaria rápido. Deu as costas para o vigia e subiu a rampa do shopping center, de onde retornou cerca de 15 minutos depois. O jornalista respirou aliviado ao constatar que não havia nenhum dos vigias por perto. A alegria de ter se livrado da gorjeta, no entanto, duraria apenas o tempo de chegar à sua residência, quando foi perceber que as portas do automóvel estavam totalmente riscadas. "Fiquei desesperado", lembra ele, suspeitando que o responsável pelo vandalismo foi o rapaz que se ofereceu para lavar o carro.

Mariani, como a maioria das vítimas, não procurou a polícia. Aliás, casos como esse, considerados frequentes, dificilmente se transformam numa ocorrência de delegacia. A 1ª DP (Asa Sul), por exemplo, que é responsável pela área onde estão localizados os maiores estacionamentos da cidade, não registrou nenhum caso nos últimos três meses. "A gente só fica sabendo dessas ocorrências através de boatos", explica o delegado Manoel Cláudio, chefe daquela unidade. Segundo ele, o ideal é que as vítimas procurem imediatamente a polícia. Isso, no mínimo, certamente iria inibir um pouco mais a ação dos vândalos de estacionamento.

Exemplo da importância de se procurar a polícia nesse tipo de situação aconteceu há alguns meses no estacionamento da plataforma superior da Rodoviária. Um funcionário público parou seu carro e foi até o Conjunto Nacional fazer algumas compras. Antes disso, ele foi abordado por um "graxeiro" (lubrificadores de rodas), que o convenceu da necessidade de fazer o serviço por apenas Cz\$ 300,00. Tranquilo, o proprietário se dirigiu ao shopping, retornando uma hora depois. Ao ti-

rar do bolso a quantia inicialmente combinada, o funcionário foi comunicado que tinha havido uma alteração e o preço, na verdade, era Cz\$ 4 mil. Evidentemente que o rapaz se negou a pagar. Em casa, ele descobriu que a porta do passageiro estava riscada.

Imediatamente, o funcionário público procurou o plantão da 2ª DP (Asa Norte) e registrou a ocorrência. Foi aconselhado a procurar o posto policial da Rodoviária. Lá, o delegado responsável lhe exibiu um álbum de fotografias, onde estavam catalogados todos os graxeiros, vigias e tranqueiros (vendedores de tranças) que trabalhavam naquele estacionamento. A identificação foi rápida. Os agentes, no entanto, não conseguiram capturar o vândalo, que havia desaparecido.

Um motorista que pediu para não ser identificado tentou explicar o motivo que leva as pessoas a não pedir ajuda à polícia. Todos os dias ele estaciona seu Voyage no Setor Bancário Sul, onde trabalha. "Já tive meu carro arranhado duas vezes aqui nesse estacionamento. O que posso fazer? Se levar o caso ao conhecimento da polícia tudo que posso ganhar é a represália desse pessoal. Foram arranhões leves. Pior é quando eles resolvem riscar todo o veículo. É melhor continuar pagando os Cz\$ 500 por mês de gorjeta e não ter dor de cabeça", justificou.

Além disso, segundo alguns proprietários, nem sempre é possível se afirmar que os arranhões foram feitos pelos vigias de estacionamentos. "Há muitas pessoas que não têm o que fazer e destroem as coisas dos outros por simples maldade", ressalta a bancária Maria José dos Santos, que embora nunca tenha tido problemas com seu carro, sabe de histórias envolvendo amigas "que foram obrigadas a pintar todo o automóvel".

## Divisão do espaço evita atritos

"Isso é coisa de moleque. Nós aqui somos pais de família e temos responsabilidade. Além disso, todos temos ficha na polícia". A declaração é do vigia de estacionamento Augustinho Neto, 38 anos, que há quatro anos trabalha no estacionamento do Venâncio 2000. Ele garante que nenhum de seus companheiros é capaz de riscar um veículo ou danificá-lo de alguma forma simplesmente porque o proprietário se negou a pagar uma gorjeta. "Ninguém aqui é bobo para criar problemas por Cz\$ 10,00", ressalta.

Augustinho, inclusive, informa que, no estacionamento do Venâncio 2000, isso só aconteceu uma vez há alguns meses. "Nós descobrimos que um colega estava riscando os carros de quem se negava a aceitar uma lavagem. Deu até polícia por aqui. Quando identificamos quem era o responsável, nós o colocamos para correr", garante ele, que, antes de virar vigia, vendia queijos em vários pontos da cidade. "Agora só tem gente boa nessa área. Pode confiar", acrescenta.

Aliás, os vigias de carro têm suas próprias normas. Os estacionamentos do Conjunto Nacional, Rodoviária e Rodoferroviária são totalmente segmentados. Cada um é responsável

por determinada área ou um certo número de vagas, o que, segundo eles mesmos, acaba protegendo os carros, já que qualquer coisa que acontecer pode ser atribuída aos "donos do local". "E a polícia tem as nossas fotografias lá na delegacia", lembra Augustinho Neto.

Em certos casos, os vigias de estacionamento contam com o apoio até mesmo da direção do shopping center. Wellington Bonfim Bulhões, lavador de carros no Conjunto Nacional há 14 anos, lembra que várias vezes flagrou ladrões tentando arrastar veículos na sua área. "Como eles geralmente estão em dupla ou até em trio, a gente não pode fazer muita coisa sozinho. A solução é avisar a segurança do Conjunto Nacional que vem imediatamente", ressalta o rapaz, casado, residente em Planaltina e que afirma ganhar até Cz\$ 3 mil mensais naquele trabalho.

Para evitar a concorrência, os estranhos são expulsos dos estacionamentos. "E para dar mais segurança", tenta justificar um dos vigias o monopólio da exploração. João do Carmo, parapléico, 20 anos, não conseguiu arrumar emprego e, para sustentar sua família, trabalha de 8 da manhã às 21h no estacionamento da Rodoferroviária.

Ele tem direito a vigiar os carros de 18 vagas, o que lhe rende de Cz\$ 500 a Cz\$ 1 mil por dia. "Nunca tive notícias de problemas na minha área", garante.

Os vigias atribuem a responsabilidade dos danos provocados contra os veículos nos estacionamentos a pivetes que circulam pelo local. "Eles às vezes passam e riscam os carros com pregos sem que a gente perceba. Se a gente pega esses caras, eles vão levar umas boas", destaca Dino Brother, lavador de carro do estacionamento das Lojas Americanas, no Setor Comercial Sul. Ele também nega que seus companheiros de trabalho sejam responsáveis por danos em veículos, muito comuns naquela área.

Augustinho Neto defende a criação de uma associação da categoria e a consequente legalização da profissão. Isso, segundo ele, evitaria problemas, já que haveria uma taxa fixa que os proprietários pagariam pela vigilância de seus carros. Enquanto isso não acontece, afirmam, "a gente vai trabalhando com gorjeta. Quem quiser dar, tudo bem. Que não quiser, paciência. Tudo que pode acontecer é alguém roubar o automóvel por falta de vigilância", ressalta Augustinho.

MARCOS HENRIQUE



Augustinho Neto, do Venâncio 2000, culpa os "moleques" pelos danos nos automóveis